

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Letícia Sangaletti



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS



Revisão técnica:

Laís Virginia Alves Medeiros

Mestra em Letras – Estudos da Linguagem:

Teorias do Texto e do Discurso

Bacharela em Letras – Habilitação Tradutora: Português e Francês



S225c Sangaletti, Leticia.

Comunicação e expressão [recurso eletrônico] / Leticia Sangaletti, Laís Virginia Alves Medeiros; [revisão técnica: Laís Virginia Alves Medeiros]. – Porto Alegre: SAGAH 2018.

ISBN 978-85-9502-215-7

1. Comunicação. 2. Língua Portuguesa. I. Medeiros, Laís Virginia Alves. II. Título.

CDU 81'38

Estratégias de leitura – texto e intertextualidade

Objetivos de aprendizagem

Ao final deste texto, você deve apresentar os seguintes aprendizados:

- Desenvolver leituras verticais adequadas aos seus objetivos como leitor.
- Aprimorar as estratégias de leitura intertextual de um texto.
- Elaborar e ler textos com foco nos elementos culturais relevantes a cada produção.

Introdução

Neste texto, você vai trabalhar com o terceiro nível de uma leitura vertical, que é o nível cultural. Assim, irá aperfeiçoar a leitura que faz do que está por trás das linhas de um texto. Para isso, você necessita de conhecimento de mundo e de outros textos com os quais o texto lido está dialogando. A intenção é construir um julgamento sobre o que foi dito, levando você a se posicionar diante de um fato.

Concepção de intertextualidade

A intertextualidade é um dos grandes temas a que a linguística textual tem se dedicado. Por isso, há várias pesquisas e estudos voltados ao assunto. No conjunto dos conhecimentos constitutivos do contexto, se destaca aquele referente a outros textos. Este consiste na intertextualidade.

Para Roland Barthes (1988, p. 69), “[...] o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura [...]”. Quem pode decifrar as múltiplas vozes é o leitor, que deve ter a capacidade de perceber os “mil focos da cultura” no período da enunciação: “O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura.” (BARTHES, 1988, p. 70).

Nessa perspectiva, a intertextualidade é possível no processo do texto, e no ato de leitura, quando se pode notar o intertexto. Outro renomado teórico da intertextualidade, Gérard Genette (1992), diz que a intertextualidade é um dos fenômenos da transtextualidade. Marcuschi (2008, p. 130) explica que fazem parte dessa transtextualidade:

- A **intertextualidade**, que supõe a presença de um texto em outro (por citação, alusão, etc.);
- A **paratextualidade**, que diz respeito ao entorno do texto propriamente dito, sua periferia (títulos, prefácios, ilustrações, encartes, etc.);
- A **metatextualidade**, que se refere à relação de comentário de um texto por outro;
- A **arquitextualidade**, bastante mais abstrata, que põe um texto em relação com as diversas classes às quais ele pertence (por exemplo, um poema de Baudelaire se encontra em relação de arquitextualidade com a classe dos sonetos, com a das obras simbolistas, com a dos poemas, com a das obras líricas, etc.);
- A **hipertextualidade**, que recobre fenômenos como a paródia, o pastiche, etc.

Ao tratar os mecanismos da textualidade como critérios, Marcuschi (2008) ressalta que a intertextualidade é também um princípio constitutivo. Nesse sentido, ela compreende o texto como uma comunhão de discursos, e não como algo isolado ou apenas um simples critério de textualidade.

Mas, afinal, você sabe o que é intertextualidade? Koch e Elias (2006) dizem que, para responder a essa pergunta, é necessário levar em conta outras duas perguntas: “Quantas vezes, no processo de escrita, constituímos um texto recorrendo a outro(s) texto(s)?” e “Quantas vezes, no processo de leitura de um texto, necessário se faz, para a produção de sentido, o (re)conhecimento de outro(s) texto(s) – ou do modo de constituí-los?”.

Para Koch e Elias (2006, p. 59), “[...] todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o preterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.”.

Já os estudiosos Beaugrande e Dressler (apud KOCH; TRAVAGLIA, 1997, p. 45) dizem que “[...] a intertextualidade se refere aos fatores que vão depender da utilização adequada de um texto e do conhecimento que se tenha de outros textos anteriores.”.



Fique atento

A intertextualidade ocorre quando há um texto inserido em outro texto que já foi reproduzido anteriormente e que faz parte da memória social de uma coletividade. Trata-se de um elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura. Além disso, abrange as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um determinado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos e variados tipos de relações que um texto sustenta com outros textos (KOCH; ELIAS, 2006).

Observe exemplos nas Figuras 1 e 2.



Figura 1. Exemplo de intertextualidade em uma campanha de conscientização no trânsito.

Fonte: Ester (2013).



Figura 2. Exemplo de intertextualidade em uma campanha publicitária.

Fonte: Simoni (2010).

Você pode constatar, nos exemplos, que há o intertexto, ou seja, um texto inserido em outro, ambos constituídos a partir da memória social. No primeiro, há visualmente a imagem da personagem Pinóquio, que, quanto mais mente, mais aumenta o nariz. Já no segundo, há uma intertextualidade com o filme *Kill Bill*.

Nesse caso, mesmo que não exista a explicação do texto-fonte, o leitor consegue constatar a intertextualidade, pois o texto-fonte faz parte da memória social, o que possibilita que seja facilmente recuperado (KOCH; ELIAS, 2006). Se o leitor não tiver lido ou visto a história do Pinóquio e visto o filme de Tarantino, não vai compreender a intertextualidade.

Conforme Koch e Elias (2006), a intertextualidade pode ser implícita ou explícita, como você vai ver a seguir.

Intertextualidade explícita e implícita

A intertextualidade explícita ocorre quando se faz a citação da fonte do intertexto. Acontece, por exemplo, em discursos relatados, nas citações e referências, nos resumos, resenhas e traduções; e também nas retomadas de texto de parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo na conversação (KOCH; ELIAS, 2006).

As teóricas explicam que a intertextualidade com explicitação da fonte aparece em diversos gêneros textuais. Porém, para que ocorra a produção de sentido, além da verificação do fenômeno, o leitor deve considerar a importância e a função da escolha realizada pelo autor. Isso quer dizer que o leitor deve se perguntar: por que e para que o autor citou a fonte, se ele poderia não citar?

A intertextualidade se constitui também de modo implícito. Pode ocorrer com alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e ironias. Essa intertextualidade se dá sem a citação da fonte. Assim, é responsabilidade do interlocutor recuperar na memória a informação e construir o sentido do texto. Quando isso não ocorre, grande parte ou mesmo toda a construção do sentido fica prejudicada (KOCH; ELIAS, 2006).

Nas produções marcadas por esse tipo de intertextualidade, a fonte não é apresentada pelo autor, conforme as teóricas. Isso pois ele pressupõe que a informação já faça parte do conhecimento do leitor, que deve estabelecer “diálogo” entre os textos e a razão da recorrência implícita a outros textos, para que haja a produção de sentido.



Saiba mais

No que concerne à intertextualidade implícita, a manipulação operada pelo produtor do texto sobre texto alheio ou mesmo próprio possui a finalidade de produzir determinados efeitos de sentido. Esse recurso é usado bastante na publicidade, no humor, na canção popular e também na literatura, por exemplo (KOCH; ELIAS, 2006).



Link

Para você ver exemplos de intertextualidades, leia a reportagem “Intertextualidades” (SOUZA, c2000-2015) neste link ou código:

<https://goo.gl/sbMOuZ>



Intertextualidade, leitura e produção de sentido

Para o processo de compreensão do texto, além de conhecer o texto-fonte, Koch e Elias (2006, p. 85-86) afirmam que “[...] necessário se faz também considerar que a retomada de texto(s) em outro(s) propicia a construção de

novos sentidos, uma vez que são inseridos em outra situação de comunicação, com outras configurações e objetivos.”.

Samoyault (2008) reúne em seu livro comandos a partir de orientações de teóricos como Genette e Champagnon. Conforme a pesquisadora, a partir do texto *Palimpsestes*, de Gérard Genette, se adquiriu o hábito de distinguir as práticas intertextuais em dois tipos: relação de copresença e relação de derivação. Na de copresença, há, por exemplo, o A presente no texto B. No caso da derivação, há A retomado e transformado em B, o que Genette chama também de prática hipertextual. A partir dessa distinção, se organizou uma tipologia, conforme descreve Samoyault (2008).

A citação, a alusão, o plágio e a referência são práticas de intertextualidade nas quais se inscreve a presença de um texto anterior no texto atual. Nas palavras da teórica, “Essas práticas da intertextualidade dependem pois da copresença entre dois ou vários textos, que absorvem mais ou menos o texto anterior em benefício de uma instalação da biblioteca no texto atual ou, eventualmente, de sua dissimulação.” (SAMOYULT, 2008, p. 48).

A seguir, você pode compreender melhor algumas das categorias de intertextualidade.

- **Citação:** é identificável de modo imediato, tendo em vista o uso de marcas tipográficas específicas, como aspas, itálicos, separação do texto citado. Para Samoyault (2008, p. 49), “Basta uma dessas marcas para assinalar a citação, a ausência total de tipografia própria transforma a citação em plágio, cuja definição mínima poderia ser a citação sem aspas, a citação não marcada.”.
- **Alusão:** remete a um texto anterior sem marcar a diferença da citação. De acordo com Samoyault (2008), às vezes não é intertextual propriamente dita, sendo exclusivamente semântica, como o enunciado “ele só pensa naquilo”, uma alusão erótica. Mas pode ser também uma alusão intertextual, como a realizada por James Joyce (apud SAMOYULT, 2008, p. 50) em *Ulysses*, quando se refere à “Helena de Argos, a jumenta de Troia que não era de madeira e que alojou tantos heróis nos seus flancos.”. Aqui, há uma alusão mitológica e alegórica que não é plenamente visível. Esse tipo de intertextualidade depende muito do efeito de leitura. Ela é frequentemente subjetiva e raramente é necessário desvendá-la para compreender o texto.
- **Plágio:** trata-se de uma retomada literal, porém sem marcas, o que torna a designação do heterogêneo nula. Quando ocorre a apropriação total, questões jurídicas devem ser levantadas a seu respeito, considerando que coloca em causa a propriedade literária, mais ou menos legitimada. Para a

teórica, os termos de roubo e fraude são associados ao plágio e deslocam com mais frequência a questão do literário para o jurídico: “Introduzindo problemáticas ligadas à autoridade, à assinatura e à originalidade que ele anula, [...] o plágio merece assim ser mantido na tipologia, quando mesmo outras noções parecem poeticamente mais exatas ou mais eficazes para descrever certas operações de empréstimo.” (SAMOYAUULT, 2008, p. 63).

- **Referência:** constitui-se também de intertextos ambíguos, assim como a alusão e o plágio. Para identificá-la, é necessário que o leitor possua determinada cultura e sagacidade, tornando a relação intertextual aleatória.



Saiba mais

As práticas de relação de derivação entre textos podem implicar uma transformação quando se encontra uma paródia, ou uma imitação, que é o pastiche do texto anterior.

- **Paródia:** transforma uma obra precedente de modo a fazer uma caricatura ou reutilização de qualquer forma, transpondo-a. Sua construção visa à ludicidade, à subversão, de modo a desviar o hipotexto para zombar dele, e ainda à admiração. Possui caráter comum ao do patrimônio parodiado, o que possibilita aos leitores reconhecerem o hipotexto facilmente.
- **Pastiche:** imita o hipotexto, remetendo “[...] menos a um texto preciso do que ao estilo característico de um autor e, para isso, o sujeito pouco importa.” (SAMOYAUULT, 2008, p. 55). O pastiche admite variantes.



Saiba mais

Integração e colagem estão entre as operações de absorção de um texto por outro. De acordo com Samoyault (2008), a partir dos diversos fenômenos de integração e colagem, poderia se construir outra tipologia dos intertextos, que está ligada aos mecanismos próprios da escritura intertextual, diferenciando os fenômenos de integração e colagem.

- **Integração:** seus operadores atuam nos textos que absorvem mais ou menos o texto anterior, em benefício da biblioteca no texto atual

e, em seguida, de sua dissimulação, eventualmente (SAMOYAUULT, 2008).

- **Colagem:** nessas operações, o texto principal é colocado ao lado do intertexto e não o integra, o que valoriza o fragmentário e o heterogêneo. Elas podem aparecer acima do texto, como a epígrafe, e no meio do texto, como imagens colocadas no texto (SAMOYAUULT, 2008).
- **Epígrafe:** destacada do texto que ela antecede e introduz, a epígrafe é constituída, geralmente, por uma citação, com referência do autor e do texto do qual foi retirada. É uma colagem feita acima do texto, na sua abertura (SAMOYAUULT, 2008).



Saiba mais

Para saber mais sobre o processo de intertextualidade, leia o texto “Intertextualidade e produção textual” (FRANCO, 2011).



Referências

CARPINEJAR, F. Somos todos Chapecoense. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 nov. 2016. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/fabricio-carpinejar/post/somos-todos-chapecoense.html>>. Acesso em: 08 out. 2017.

ELEUTÉRIO, J. M. Categorias de análise textual aplicadas à leitura e à produção de textos. *Linguagem*, São Carlos, v. 17, 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_eleuterio.pdf>. Acesso em: 08 out. 2017.

JUBA CRUZZ COVERS MUSICAIS. *Texto e contexto*: Prof. Pasquale explica! [S.l.]: YouTube, 2015. 1 vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h8XgdSDSbzU>>. Acesso em: 08 out. 2017.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAERTE. *[Estatuto da Família]*. [S.l.]: JusLiberdade, 2015. Charge. Disponível em: <<http://jusliberdade.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Redu%C3%A7%C3%A3o-da-Maioridade-4.jpg>>. Acesso em: 08 out. 2017.

LATUFF. *Sartori e o piso dos professores*. [S.l.]: Sul21, 2014. Charge. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/sartori-e-o-piso-dos-professores/>>. Acesso em: 08 out. 2017.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.

Conteúdo:



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS